

mútuos e universais, que acabariam por dar origem a uma estrutura federada de âmbito mundial”...

Mas importa ainda pôr em especial destaque Hermann Broch, que se preocupa com a “desintegração do mundo ou a dissolução dos valores”; fruto da secularização extrema, e reclama um “padrão ético” como forma de contrariar que “todas as áreas de valor se transformem, de um momento para o outro, em áreas de não-valor, todo o bem em mal”. No fundo, o “padrão absoluto e absolutamente transcendente” para ser “absoluto ético” tem de transferir valor à vida humana nos seus diversos aspectos. Estamos diante de um “imperativo ético” que Broch faz evoluir de uma dimensão espiritual para uma perspectiva vital e histórica. “A missão era o imperativo ético, e tarefa que não se podia iludir era o pedido de so-

corro dos homens”; que a literatura ou o conhecimento, por si sós, não resolviam. Do mesmo modo, para Walter Benjamin, qual pescador de pérolas, haveria a convicção de que “embora tudo quanto vive esteja sujeito à destruição do tempo, o processo de corrupção é ao mesmo tempo processo de cristalização”. A vida, dir-se-ia que se vai transformando em “insólitos tesouros”...

Como disse Olivier Mongin, num dossiê fundamental da revista “Esprit” de Junho de 1980: “Arendt mostra bem que a história não se muda com golpes de martelos especulativos, ou com golpes de boas teorias, e que não basta dispor de instrumentos de análise e de compreensão mais pertinentes que outros. Uma compreensão não tem sentido com efeito se não se ancorar no que Arendt designa como pré-compreensão comum”...

POR MIGUEL MORGADO \*

## A Política e as Promessas

Em 2005, Jerome Kohn resolveu antecipar as comemorações do centenário do nascimento de Hannah Arendt, publicando um conjunto de ensaios da pensadora política alemã, e que reúne alguns textos inéditos. Como em qualquer outro livro de Arendt, o leitor de *The Promise of Politics* é agradavelmente surpreendido pelo alcance da reflexão, pela erudição e pela multiplicidade de perspectivas que são articuladas em torno de questões fundamentais.

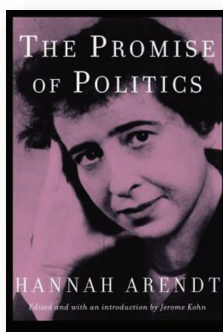
*The Promise of Politics* não é um livro de introdução ao pensamento de Arendt; não é, pois, o livro mais adequado para quem inicia o seu contacto com a autora. Mas tal como sucede com *Responsibility and Judgment* — uma outra colectânea de textos também editada e publicada por Jerome Kohn em 2003 —, até o leitor menos familiarizado poderá lê-lo com proveito.

Não se pode dizer que quem está bastante versado no pensamento de Arendt descobrirá novos elementos da sua teoria política. Porém, em vários destes ensaios, Arendt complementa com maior detalhe alguns temas cruciais presentes em *The Origins of Totalitarianism*, *Between Past and Future* ou na obra inacabada *The Life of the Mind*. Arendt retorna ao apuramento do seu conceito de acção, o que vale por dizer ao seu teatral conceito do político, no importantíssimo texto intitulado “*Introduction into Politics*”; regressa também à relação entre pensamento

e julgamento a partir do exemplo de Sócrates; e retoma a sua perspectiva crítica daquilo que denomina a “tradição do pensamento político” ou aquilo a que com algum exagero se pode traduzir por “história do esquecimento das promessas da política” — “quando os filósofos começaram a se preocupar de um modo sistemático com a política, esta tornou-se imediatamente para eles num mal necessário” e “o que é notável em todos os grandes pensadores é a diferença de estatuto entre as suas filosofias políticas e o resto das suas obras”. Já o texto sobre Hegel e Marx corresponde a uma tentativa antiga de determinar a posição exacta do autor de *O Capital* na “tradição do pensamento político” e de considerar os elementos totalitários da sua filosofia, o que tinha ficado por esclarecer no livro sobre o totalitarismo.

Por outro lado, não deixa de ser notável a atenção dispensada a Montesquieu (em “*Montesquieu’s Revision of the Tradition*”), autor que Arendt muito admirava e que a inspirou ao longo de toda a sua vida. Foi de Montesquieu que Arendt retirou o importante conceito de “princípio de acção”; e que afina a teoria arendtiana da liberdade; é ainda sua a contribuição decisiva para a reflexão em torno da dissolução da “trindade romana” — autoridade, tradição religião — levada a cabo nos tempos modernos, assim como é o exame das formas de governo exposto em *Do Espírito das Leis* que permite a Arendt chegar a uma distinção clara entre “medo” (despótico) e “terror” (totalitário).

Arendt conquistou um universo de leitores e estudiosos que parece crescer com o passar dos anos e



**Hannah Arendt**  
***The Promise of Politics***  
**Jerome Kohn (ed.)**

Nova Iorque,  
Schocken Books,  
2005 | 218 pp.



que não conhece fronteiras. A tradução das suas obras é recorrentemente acolhida entusiasticamente pelo mercado do livro, mesmo quando a tradução chega já muito tarde, como atesta o exemplo da recente edição portuguesa de *As Origens do Totalitarismo* (pela Dom Quixote). Explicar o relativo sucesso de Arendt nem sempre é fácil. Os temas a que a autora se dedicou são extraordinariamente complexos, e muitas das suas fontes são algo obscuras. Seria previsível que comentários a Escoto ou dissertações sobre Schelling afastassem os seus textos das tabelas de vendas. Porém, a sua prosa é límpida e ritmada; as suas digressões eruditas nunca são cansativas.

É também frequentemente assinalado que é difícil categorizar Arendt. O seu pensamento e a sua intervenção cívica e jornalística resistem a uma classificação no tão estafado eixo esquerda/direita. Para esta dificuldade concorre o seu fulgor polémico que castigou quase equitativamente conservadores, liberais, socialistas e marxistas, activistas dos direitos civis e pacifistas, religiosos e ateus, cientistas sociais e filósofos. Provavelmente, esta irredutibilidade aparece como mais um factor de sedução de leitores improváveis. E não há dúvida que as controvérsias despertadas pelas suas opiniões concederam a Arendt um lugar na mira dos holofotes, o que a transformou aos olhos do mundo em algo mais do que uma professora universitária.

Mas o que é talvez mais decisivo é o olhar profundo e original que Arendt lançou sobre questões que acompanham a história da humanidade, e sobre as quais muitas vezes pensamos que já não é possível dizer nada de novo. A frescura do seu pensamento é potenciada pelo facto singular de Arendt ser das pouquíssimas figuras da teoria política do século XX que objectivamente coloca a política na posição central da sua meditação. A experiência da vida política,

com todos os seus riscos, mas também com todas as suas promessas, constitui o ponto central em redor do qual giram todos os esforços intelectuais de Arendt. É da política como fim em si mesma, sem estar ao serviço da vida contemplativa, nem da vida económica, que Arendt falou como ninguém. É escusado dizer que aqui encontramos tanto o brilho da sua genialidade, como a causa dos seus excessos.

O último texto de *The Promise of Politics* é um “epílogo”. Nessas últimas páginas deparamo-nos com o choque entre, por um lado, o traço negro do mundo moderno e da condição do homem moderno, e, por outro lado, a exortação ao *amor mundi*, ao cuidado com o mundo, ao cuidado e amor para com esse artificio humano que torna o planeta em que vivemos no nosso lar. O risco dos tempos modernos é o alastramento do “deserto”; o perigo que nos ameaça é o de nos convertermos em “verdadeiros habitantes do deserto” que encontram aí a sua “casa”.

\* DOCENTE DA FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

*É da política como fim em si mesma, sem estar ao serviço da vida contemplativa, nem da vida económica, que Arendt falou como ninguém. É escusado dizer que aqui encontramos tanto o brilho da sua genialidade, como a causa dos seus excessos.*